

39º Encontro Anual da Anpocs

SPG 20 – Sexualidade e gênero: espacialidade e relações de poder em
diferentes escalas do urbano

"E a quadrilha toda grita... Viva a filha da Chiquita": cidade e cultura LGBT em
Belém-PA

Milton Ribeiro



Sociabilidade LGBT e circuito GLS em Belém do Pará

Neste capítulo pretendo apresentar o circuito de lazer e sociabilidade voltados para LGBT na capital paraense, dando ênfase aos momentos de sociabilidade pública que são a Festa da Chiquita e a Parada do Orgulho LGBT, tendo em vista apresentar as formas como esses espaços se distribuem na cidade; assim como possibilitar ao leitor uma imersão neste campo.

À luz de John Barnes (1987) e sua teoria das redes sociais, desenvolverei este capítulo na tentativa de explicar como a Festa manteve-se e se mantém ao longo dos anos entrelaçada a vários órgãos estatais, que subsidiam as festas através de recursos financeiros ou não, e de várias instâncias não governamentais, como as ONG de DST/Aids, a aliança com o Movimento LGBT do Estado do Pará e a aproximação com o mercado GLS da capital paraense.

A sociabilidade entre LGBT, em Belém, se desenvolve *mediada pelo mercado*¹ e atualmente vive uma efervescência de lugares, sendo criados e reformulados de tempos em tempos. Estes foram os lugares de observação, durante a pesquisa do mestrado, enfatizando os bares e boates. Assim,

¹ Para ver mais considerações sobre este aspect, que liga a sociabilidade LGBT ao mercado de consumo, vide França (2006).

compreendeu-se quais as motivações e redes acionadas para adentrar neste “universo”. Com relação às motivações, uma das principais referências diz respeito às questões que envolvem processos identitários, ou como chama atenção Michael Pollak (1986) para o “fazer-se gay”, isto é, aos arranjos na/da identidade ou de apêndices identitários que incorporam e que os tornam parecidos ou permitem com que façam parte do grupo ao qual se quer inserção. No que diz respeito às redes, estas estão geralmente ligadas por laços de amizade ou companheirismo, ou seja, amigos, em geral, são acionados para fazerem parte desta nova experiência, a de frequentar bares e boates GLS.

No mapeamento realizado nos anos de 2010 e 2011, encontrei: 1 cinema, 2 bares, 4 saunas e 4 boates direcionadas especialmente ao público LGBT; que configuram-se com o que chamo aqui de *circuito GLS*. Assim como, foram enquadradas, no que se chama de “momentos públicos de sociabilidade festiva”: a Festa da Chiquita e a Parada do Orgulho LGBT de Belém.

Estes lugares de sociabilidade *mediados pelo mercado* e direcionado ao “público gay” não são novidades na cidade, tendo já sido mencionados e até mapeados em pesquisas anteriores. Como no trabalho da antropóloga Telma Amaral Gonçalves (1989), que investigava tipos de discriminação e violência sofridas por gays no final dos anos 1980, e no trabalho da também antropóloga Izabela Jatene de Souza (1997), que investigava as chamadas “tribos urbanas” e que acabou por oferecer um curto panorama do circuito GLS de meados da década de 1990. Neste caso, a primeira não chega a ilustrar propriamente os lugares, apenas citando o Bar do Parque, na Praça da República, como um lugar de encontro entre gays. O segundo trabalho descreve um “curto-circuito” dos clubes mix: instâncias do mercado que serviam de lugares de encontro, “pegação²” e sociabilidade para o public gay e lésbico da época.

É interessante perceber que, nestes dois casos, as pesquisas não se detiveram num exame mais aprofundado da periferia da cidade para constatar ou não a presença de espaços GLS, como mostra a pesquisa do mestrado; onde se evidencia um bar que sobrevive há 16 anos no bairro do Guamá, com uma programação direcionada essencialmente ao público lésbico e gay.

² Categoria êmica para paquera, flerte, encontro, enlace.

O espaço público revisitado: a Festa da Chiquita e a Parada do Orgulho LGBT de Belém

Nesta análise em construção, aparecem os dois momentos de sociabilidade festiva³ direcionadas ao público LGBT na capital paraense, a saber: a Festa da Chiquita e a Parada do Orgulho LGBT. O primeiro, mais antiga que o segundo, data da década de 1970 e encontra-se encapsulada por uma festa ainda maior, o Círio de Nazaré; enquanto que o segundo surge depois dos anos 2000.

A Festa da Chiquita acontece todo ano, no sábado, que antecede a procissão do Círio de Nazaré⁴, à noite, após a Trasladação, e começa quando a Berlinda que leva a imagem de Nossa Senhora de Nazaré passa pelo Bar do Parque, na Praça da República, entre as avenidas Presidente Vargas e Assis de Vasconcelos, no centro da capital paraense, ponto central para quem quer presenciar as manifestações.

Iniciada entre os anos de 1975 e 1976, como o nome de “Festa da Maria Chiquita”, ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc. No entanto, era apenas um bloco carnavalesco. Porém, a partir de 1978, ano em que a festa foi transferida para o sábado da Trasladação, e devido às mudanças na estrutura e organização, a Chiquita transformou-se num dos eventos não-religiosos que fazem parte do calendário de comemorações religiosas do Círio de Nazaré.

Já a Parada do Orgulho LGBT, surge no ano de 2001, como parte de uma política de visibilidade posta em campo pela *terceira onda* do movimento LGBT brasileiro, que em consonância com a mesma política de visibilidade do movimento internacional, põe em marcha, nas ruas, suas reivindicações, demandas e anseios, com bem ilustrou a antropóloga Regina Facchini (2003 e 2005).

³ Esta categoria de explicação é tomada de empréstimo do Xavier Costa (2001 e 2002) que faz uma análise das *fallas espanhola* (na cidade de Valência) e cria, a partir dos arranjos de Anthony Giddens, a noção de “sociabilidade festiva”.

⁴ A procissão do Círio acontece no segundo domingo de outubro, pela manhã, e faz o sentido inverso à Trasladação. Enquanto que esta “leva” a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré até a Catedral Metropolitana de Belém (Igreja da Sé), no sentido Nazaré-Cidade Velha, a primeira faz o contrário, retornando com a imagem para a Basílica de Nazaré, sentido Cidade Velha-Nazaré. A Trasladação acontece nas noites do sábado que antecede ao Círio e o próprio Círio acontece aos domingos pela manhã, sempre no segundo domingo do mês de outubro.

Esta *terceira onda* tem como principal característica a articulação entre o movimento LGBT organizado nos âmbitos nacional e internacional, o incentivo das *prides* (paradas) como forma de reivindicação e visibilização de direitos fundamentais, a articulação com ONGs, instituições públicas e privadas e, principalmente, com o Estado; assim como o atrelamento de demandas de vários grupos marginalizados pelo Estado, como as/os negra/os, mulheres, pobres (ver FACCHINI, 2003 e 2005; SIMÕES E FACCHINI, 2009; FRANÇA, 2006).

Neste momento de articulação, ainda na década de 1990, com várias instâncias sociais, como partidos políticos, ONGs, empresas e com o Estado, a Festa Chiquita e a Parada, assim como outras manifestações públicas, direcionadas ou não ao público LGBT, sentirão necessidade de estabelecer “regras de convivência” para continuarem sendo realizadas.

A Chiquita e a cidade: lugares, sentidos e pertença

A Festa da Chiquita, ou “Festa da Maria Chiquita”, como era conhecida na década de 1970, é um evento festivo organizado e direcionado à comunidade LGBT que acontece há mais de 35 anos no centro da capital paraense, mais precisamente na Praça da República, após a Trasladação, no sábado que antecede à romaria principal do Círio em homenagem à Virgem de Nazaré, padroeira do Pará e dos paraenses. Nesta praça está localizado o maior símbolo da *Belle Époque* paraense e que é produto da exuberância dos tempos gomíferos na Amazônia: o Theatro da Paz.

O Círio de N. S. de Nazaré é uma das maiores festas religiosas do país, agrupando na peregrinação principal quase dois milhões de pessoas. Seu mito de origem está ligado diretamente ao caboclo Plácido, que encontrou uma imagem da santa à beira de um igarapé, mas ao levá-la para casa e tentar mantê-la por lá, esta sempre retornava para onde fora achada. Neste lugar fora construída a atual Basílica de Nazaré. Esta história é recontada de várias maneiras, ora dando ênfase ao fato da santa mudar de lugar, o que explicaria as peregrinações da imagem pelos bairros, nas chamadas novenas; ora dando ênfase ao personagem que a encontrou, o caboclo Plácido, que a faria amada por todas as camadas da sociedade,

sendo elevada à padroeira dos paraenses, numa elaborada imbricação entre às identidades ribeirinha, cabocla e paraense⁵.

Além da procissão principal, durante o mês de outubro, e já no final de setembro, a cidade passa a contar com várias procissões e festejos periféricos ao evento principal – que é a ida da berlinda que leva a imagem da Virgem de Nazaré, da Catedral Metropolitana de Belém (a Igreja da Sé) à Basílica de Nazaré – como nos mostra o antropólogo e historiador Antônio Maurício Costa (2009):

[...] O “Círio”, festividade religiosa surgida em Belém no ano de 1793, na verdade corresponde somente às procissões mais importantes que inauguram a Festa de Nazaré, na véspera e durante o segundo domingo de outubro. A Festa de Nazaré compreende vários eventos religiosos, tais como: traslado da imagem em carro aberto para Ananindeua (Município da Região Metropolitana) dois dias antes da procissão principal; “Romaria Rodoviária” para o porto de Icoaracy, distrito de Belém; “Romaria Fluvial” saída de Icoaracy em direção ao porto de Belém; “Romaria dos Motoqueiros” [ou Moto-Romaria, como é chamada atualmente] saída do porto de Belém em direção ao Colégio Gentil Bittencourt; “Descida da Imagem” [do Glória], cerimônia na Basílica de Nazaré após a Romaria dos Motoqueiros; “Trasladação”, segunda procissão mais importante do Círio, quando no fim da tarde do sábado é conduzida a imagem da santa do Colégio Gentil à Catedral da Sé, no bairro da Cidade Velha; “Procissão matinal do Círio de Nazaré” no segundo domingo de outubro, saída da Catedral da Sé, em direção à Basílica de Nazaré, no bairro de Nazaré; “Círio das Crianças”, realizado no primeiro domingo após o Círio principal; “Procissão da Festa”, ocorrida no segundo domingo após o Círio principal; “Missa de Encerramento”, no segundo domingo; “Fogos de Encerramento”, após a missa final; “Subida da imagem” (ao Glória, localizado no altar principal da Basílica de Nazaré, na segunda-feira seguinte à missa de encerramento); “Missa de Despedida”, ocorrida após a subida da imagem; “Recírio”, procissão final em que a imagem [peregrina] retorna ao Colégio Gentil, ocorrida após a Missa de Despedida; “Incineração das Súplicas”, em que os pedidos dos devotos depositados durante a festividade junto ao nicho da santa na praça santuário em frente à Basílica de Nazaré são queimados pelos diretores da festa de Nazaré. Ao lado destes eventos se destaca a presença do arraial, que constitui um parque de diversões montado ao lado da Basílica de Nazaré e que funciona durante os quinze dias de festividade e é gerido pela Diretoria da Festa de Nazaré. Outros eventos importantes ocorrem na cidade neste período condicionados à presença do Círio, mas que não possuem ligação direta com a organização deste evento, dentre eles os mais importantes: “Auto do Círio”, espetáculo teatral encenado em movimento nas ruas do bairro da

⁵ Na análise que faz de um bairro de Belém, o Jurunas, Carmem Rodrigues (2008b:273) entende que a partir da *sociabilidade festiva* e do “grande mercado de trocas de bens materiais e simbólicos, um espaço de circulação de pessoas, saberes, dádivas e dívidas, enfim, um espaço de circulação de capital social e simbólico” as/os sujeitas/os ribeirinhos (re)criam possibilidades de sobrevivência e estabelecimento na cidade, assim como da “apropriação de um espaço próprio, um lugar de sentido e fonte de identidade” onde articulam um “conjunto de práticas que fazem parte de uma agência cabocla para conquistae a cidade” (RODRIGUES, 2008a:107).

Cidade Velha, dois dias antes da procissão principal e que faz uma paródia carnalizada do Círio; e a “**Festa da Chiquita**”, ocorrida na véspera da procissão principal e num trecho do seu percurso (Rua da Paz, em frente ao Teatro da Paz, à margem da Avenida Presidente Vargas), na noite de sábado para domingo, é um evento voltado principalmente ao público homossexual, em que ocorrem apresentações de cantores regionais, de grupos folclóricos, shows de travestis, entrega de prêmios artísticos, dentre outros (Costa 2009:180, nota de rodapé 124; grifos meus)⁶.

A partir desta citação, podemos visualizar a miríade de acontecimentos durante a Quadra Nazarena. Várias categorias profissionais, instituições, distritos municipais realizam eventos em adoração à Virgem. Ao longo dos últimos anos, surgiram manifestações que envolvem, por exemplo, categorias profissionais ligadas ao transporte, como a Romaria Fluvial e a Moto-Romaria, descritas acima.

Alguns autores (Alves 1980; Amaral 1998; Costa *et al*, s/d; Lima 2005; Maués 2000; Pantoja 2006) debruçaram-se sobre a procissão principal, o Círio de Nazaré, do ponto de vista histórico, no entanto, nenhum trabalho histórico, e muito menos etnográfico, se ocupou das demais festividades descritas na citação⁷, como a Festa da Chiquita por exemplo, que proponho como tema neste projeto.

Diante do exposto acima menciono que, Isidoro Alves (1980) foi o responsável por difundir o termo pelo qual o Círio ficou conhecido, “Carnaval Devoto⁸”; Rita Amaral (1998:14) afirma que o período do Círio age a partir de “mediações simbólicas entre o sagrado e profano” e que revela o “poderoso caráter lúdico da parte profana da festa para a Virgem” (:15); Francisco Costa e outros (s/d)

⁶ Esta citação faz parte de uma pesquisa sobre o *circuito bregueiro* na cidade de Belém, realizada por Costa (2009), que dedica um capítulo para discutir como este circuito desenvolve-se dentro da Festa de Nazaré. Porém, o recorte deste trabalho está em enxergar a Festa da Chiquita como um campo de pesquisa possível, uma vez que vem sido tratado de maneira subalterna pelas pesquisas que envolvem o Círio de Nazaré.

⁷ Até o momento além dos trabalhos sobre o Círio, encontrei apenas dois TCCs sobre o Auto do Círio, dois TCCs sobre a Chiquita e uma dissertação incompleta; destes últimos sobre a FC nenhum tem um caráter etnográfico, limitando-se apenas ao campo da comunicação.

⁸ Embora Antônio Maurício da Costa (2009:183) tenha afirmado que surgiu das mãos do romancista Dalcídio Jurandir e que tenha ganhado notoriedade pelos escritos de Eidorfe Moreira. E completa que na “visão de Alves, destacam-se ao lado dos atos litúrgicos do Círio os momentos de encontro (visitas dos parentes e amigos do interior e de outros estados, por exemplo), de solidariedade (exemplificada por gestos de amizade entre desconhecidos na procissão) e de neutralização das diferenças (isto é, a hierarquia social é mantida na festa, mas é embotada pelos valores religiosos mais genéricos que envolvem a festa). É desse modo que deve ser entendida a metáfora da carnalização de Alves, considerando o espírito de comunidade instalado nos quinze dias de festividade e presente nos seus locais de celebração, semelhante àquele presente no carnaval brasileiro, tal como discutido por DaMatta (1999)” (:184).

analisam o período da quadra nazarena a partir da movimentação econômica atrelada à fé; Heraldo Maués (2000) a partir de uma perspectiva que olha a festividade como reminiscência das que eram feitas em Portugal desde o século XVII; e Vanda Pantoja (2006:41), a partir de uma etnografia junto à Diretoria da Festa de Nazaré, chega a definir a relação desta com a Festa da Chiquita como *conflituosa*, por ser um evento organizado por “homossexuais e simpatizantes” que estariam em desacordo sobre o tipo de homenagem que se pretende prestar à Santa; esta última autora e Francisco Costa e outros são umas/uns das/dos poucas/os que olham para a Festa da Chiquita, mesmo que de forma incipiente.

No entanto, somente duas são consideradas de caráter estético-político, a Festa da Chiquita e o Auto do Círio. Este último, realizado por pessoas ligadas às artes cênicas e teatrais transformam as ruas do bairro da Cidade Velha em palco para apresentações que brincam com as referências míticas do Círio, unindo num mesmo cortejo deuses e demônios, fadas e elfos, bruxas e magos, realidade e fantasia, mito e místico.

Assim, o evento principal acaba atraindo grande visibilidade, tanto acadêmica quando midiática (e comercial), tendo sido objeto de pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais, turismo, serviço social, economia; podendo ser considerado mesmo como um “fato social total”, nos modos *maussianos*; por isso, tanto interesse na festa, que modifica a economia, o comércio, o deslocamento, o turismo e a mídia na capital paraense.

Como uma das grandes referências para pensar a identidade paraense, o Círio, e as comidas típicas da época, como a maniçoba e o pato no tucupi, esta acaba por evidenciar o poder e o raio de influência da Igreja Católica na cidade e nas pessoas; vide os conflitos desta com o Auto do Círio e a Festa da Chiquita.

Este fato é corroborado quando assistimos o documentário “As filhas da Chiquita” (2006), dirigido por Priscilla Brasil, no qual são retratadas as tensões entre as pessoas envolvidas direta e indiretamente com a Festa. Às ligadas diretamente, têm em Elóis Iglesias a figura representativa, sendo a fala deste sempre marcada pela conciliação entre os discursos pela

manutenção da Chiquita e a recusa da Igreja em englobá-la como parte do Círio; algumas pessoas ligadas à origem da FC, antes um bloco no estilo carnavalesco, também tem espaço para manifestar-se, contando as origens e acontecimentos que deram forma ao evento. Às ligadas indiretamente, são representadas por um padre e por uma aparente simpática senhora, moradora das imediações da Praça da República, onde se monta o palco da Festa.

As falas do padre e da senhora representam tipos de pensamento que enquadram a Chiquita num lugar de abjeção, de pecado, de perigo - e quase crime. A ideia de que a FC desrespeita o Círio, de que é uma "pouca vergonha", de que só tem gente de segunda categoria, encontra-se em oposição ao Círio como lugar de beleza, de pureza, de limpeza.

As representações tanto do Auto do Círio quanto da Festa da Chiquita resvalam na categorização de suas estéticas, que brincam com o grotesto, com o deboche, como sendo absurdas para o contexto e os eventos encapsulados nas festividades nazarenas. Para isso ser resolvido é preciso, então, descartá-las, eliminá-las, excluí-las do calendário oficial, da rua, da praça e da cidade.

Por vezes, os símbolos sagrados para os cristãos viram alvo de deboche e escárnio dos partícipes das duas manifestações. Também não é incomum vermos figuras demoníacas, representações do "mal", através de outros seres, ou representações que disputam a hegemonia do cristianismo, como o candomblé, a umbanda, a mina serem encenadas pelas ruas, durante o Auto do Círio, ou no palco da Chiquita.

Os figurinos do Elói Iglesias, figura central da FC, por vezes aproveitam-se da "estética do mal" para serem fabricados e representados e que, posteriormente, ajudam na encenação de quem os vestem. Um exemplo disso, é que em anos anteriores, o apresentador da FC apareceu com longos chifres, numa acepção clara à figura demoníaca, amenizada pelas cores claras; numa clara alusão à dualidade que envolve a manifestação principal, o Círio, e a Chiquita com noções como: claro e escuro, bem e mal, deus e diabo, puro e impuro, sacro e profano.

O mito de origem: a Chiquita ganha as ruas

A Festa da Chiquita nasce como um cortejo que agrupava a “comunidade marginal” da época, vide a classe artística – músicos, compositores, atores, artistas plásticos, fotógrafos, jornalistas –, a classe acadêmica – estudantes e professores universitários – e os “desviados” (gays, lésbicas e travestis), tinha como intenção principal reverenciar a “imagem-peregrina” de Nossa Senhora de Nazaré durante os eventos do Círio, que prestam homenagens à santa. Porém, não estava a ele atrelado, a não ser simbolicamente, pois de acordo com o mito de origem da Festa os acompanhantes do cortejo puseram-se atrás de uma berlinda, similar a que carrega a imagem de N. Sra. de Nazaré, numa clara alusão ao maior evento religioso do Norte do país.

Este mito serve para pensar a dinâmica da própria cidade, que sofreu os impactos da economia da borracha, tornando-se um centro dinâmico e ativo na economia da região, de onde derivam grande parte das construções arquitetônicas do centro antigo da cidade, como os palacetes, casarões, sobrados, mercados e o próprio *theatro*; no próprio investimento urbanístico na tentativa de imitar as capitais europeias, como Paris, e não obstante a criação da sua própria *boulevard* – a Boulevard Castilho França, no centro da cidade – articulando a sanitização e higienização à ideia de urbanização. E que depois sofreu o impacto violento do final do período dourado, que teve seu apogeu entre os anos de 1890 e 1911, com o deslocamento do centro gomífero para outra região do planeta.

A economia das duas maiores cidades da região, Belém e Manaus, nunca foi recuperada – como certa exceção de Manaus que acabou acolhendo a Zona Franca; o que acabou por dinamizar sua economia – e os prédios e as construções arquitetônicas deste momento acabaram sem aproveitamento nos períodos posteriores. Hoje, há uma intensa revitalização cultural nestes locais como, por exemplo, o uso do espaço e a circulação de pessoas trazidas pelo Círio e pela Chiquita nas proximidades do Theatro da Paz durante os festejos do Círio; a apropriação da Praça da República – e do famoso Bar do Parque – pelos eventos culturais apresentados ao ar livre; o Mercado de São Brás sendo revisitado pelos ensaios das quadrilhas juninas entre os meses fevereiro e maio, e

recentemente pelas rodas de carimbo, samba e chorinho realizadas por “coletivos de agitação cultural”, como o Bloco da Canalha; e os palácios e palacetes que se tornaram sedes das instituições municipais e estaduais, como: a Prefeitura de Belém que funciona no Palácio Antônio Lemos e o Museu Histórico do Estado do Pará, que está localizado na antiga residência dos governadores e capitães gerais, no Palácio Lauro Sodré.

A Festa da Chiquita, nascida nos idos de 1978, nos faz pensar na dinâmica da própria cidade e os abalos que sofreu desde o término do período de grande desenvolvimento econômico, pois até a década de 1970, e com a entrada novamente da região na economia nacional, a partir dos grandes projetos de desenvolvimento da Amazônia, não se sentia o impacto das mudanças culturais e sociais na cidade, na arquitetura e dinâmica da cidade, por exemplo, pois a vida política foi marcada pela presença de interventores administrando o Estado.

Nascida, também, no período da Ditadura Militar Brasileira, durante o governo Geisel, à beira da transição rumo à democracia, um ano antes do estabelecimento do pluripartidarismo no país, talvez seja por isso que as “sexualidades dissidentes” tenham podido sobreviver sem o peso da censura, embora a grande maioria dos partícipes da Festa tenha sofrido com os duros anos de chumbo. Esta manifestação nasce com uma proposta de reinventar o lúdico, reinventar a sexualidade, reinventar a si mesmos e explorar o lado profano do mundo. Ou explorar o lado profano do próprio Círio, evento ao qual foi e se mantém atrelado simbolicamente.

O lado profano do Círio de Nazaré é sempre exortado quando se fala da Festa da Chiquita, encontrando-se aí sua antinomia, seu paradoxo. No entanto, creio que o profano não encontre uma tipificação na Chiquita, sendo também ela uma exposição do símbolo do sagrado durante a Trasladação ou durante os festejos. Pois, como sempre ocorre, é necessário deixar a Santa passar para poder começar a “bagaça⁹”. Ou quando os presentes no palco, especialmente o organizador principal, o cantor Elói Iglesias, estendem as mãos em reverência à “imagem-peregrina” durante a passagem da procissão em frente ao palco na Presidente Vargas.

⁹ No bajubá significa “festa”, “festejo”, “furdunço” geralmente no sentido pejorativo.

Portanto, comportar um evento de caráter profano ampliado ainda mais por se tratar de um evento LGBT, anterior até as Paradas do Orgulho, como não se cansa de dizer o atual idealizador da Festa, faz com que eu pense na própria narrativa sobre a cidade e suas dinâmicas (sociais, culturais, políticas e institucionais), e mais especificamente sobre os “desvios” (como eram vistas as performances erótico-sexuais e afetivas que rompiam com as normas heterossexuais e de gênero), as homossexualidades, as dissidências no interior da própria cidade, pois não eram apenas os LGBT alvo do escárnio e do escrutínio público, mas todo e qualquer indivíduo fora do padrão, ou “perigoso” ao regime e ordem social.

Refletindo as negociações, distensões e coalizões

Nesta seção pretendo iniciar a discussão sobre o objeto da pesquisa de doutorado e como a noção de campo, elaborada por Pierre Bourdieu (1989, 1990, 2004 e 2009), irá ajudar na compreensão deste. Isto é, a noção sociológica de campo proporciona um arranjo metodológico capaz de elucidar algumas questões relacionadas à Festa. A começar, por sua delimitação estrita do objeto, com um recorte onde posso analisá-la como campo isolado, mas que ao mesmo tempo mantém diálogo com outros campos. É o que pretendo fazer ao fim da tese, porém este será o momento de iniciar algumas aproximações.

Assim, Bourdieu (1990:119-120) define a noção de campo (religioso)

um espaço – o que eu chamaria de campo - no interior do qual há uma luta pela imposição da definição do jogo e dos trunfos necessários para dominar nesse jogo (...)é o lugar de uma luta pela definição, isto é, a delimitação das competências, competência no sentido jurídico do termo, vale dizer, como delimitação de uma alçada

Visto desta forma, o campo que é a Festa da Chiquita pode ser considerado como autônomo, com independente de estruturas e instituições, porém se olharmos a relação de simbiose que mantém com: o mercado, por exemplo, na contratação de *DJs* residentes das boates, *gogo boys*, *gogo girls* e *drag queens* que fazem shows nas casas noturnas GLS de Belém; o Estado, na concessão do espaço, neste caso, da Praça da

República, ou nas licenças concedidas para a realização da Festa, como as advindas do Departamento de Polícia Administrativa (DPA), da Secretaria Municipal de Urbanismo (SEURB), da autorização do Corpo de Bombeiros Militar (CBM) para montagem do palco, da Polícia Militar (PM) para proteção e policiamento da Festa e da Companhia de Transportes de Belém (CTBEL), que libera a Presidente Vargas e ruas adjacentes, com o fechamento do trânsito, para que a mesma aconteça; a igreja, visto que a Festa está diretamente relacionada ao Círio, embora não seja por ele encapsulada, pelo menos oficialmente (vide site da Festa de Nazaré); e o movimento LGBT paraense, que atualmente ajuda na organização, tendo vários de seus membros envolvidos na busca por recursos e outras atividades que permitam a continuidade da FC.

A noção de campo, portanto, ajuda a pensar as tensões que envolvem o processo de construção da Festa, de organização e realização da mesma. É possível considerá-lo para que se possa organizar esquemas de articulação de redes de contato e de amizades que se forma no Estado, no mercado, no movimento LGBT, e em menor circunstância, na Igreja. É possível enxergar como esta administra, através da reciprocidade¹⁰, ou da solidariedade¹¹, os seus prêmios, numa relação constante e contrastante entre a tríade dar/receber/retribuir.

Os prêmios, neste caso, servem para manter as redes ativas. Além do mais, servem para demonstrar e publicizar a relação mantida entre a Chiquita e as várias instituições, sejam elas públicas ou privadas, do Estado ou do mercado; assim como, sua relação com várias pessoas de influência na cidade, como jornalistas, políticos, empresários, intelectuais, músicos e acadêmicos.

Como pôde ser visto nos anos de 2010 e 2011 – anos de aproximação maior com a Festa, tendo por objetivo a escrita do projeto de tese – onde os prêmios se dividiram entre personalidades artísticas e políticas, representantes de organizações militares e de instituições e dos movimentos sociais.

¹⁰ Numa perspectiva antropológica clássica, à la Mauss (2003).

¹¹ Que tangencia a proposta durkheimiana quando pensa a interdependência presente na solidariedade orgânica.

QUADRO DE PREMIADOS
DE 2010
32ª edição
“Divas”

Premiados	Prêmios
Lucinha Bastos (cantora)	Rainha do Círio ¹²
Katarina Ávila (cantor)	Botina de Prata ¹³
André Lima (estilista)	Veado de Ouro ¹⁴
Mariana Belém (cantora)	Walter Bandeira ¹⁵
Bernardino Santos (jornalista)	Mauro Faustino ¹⁶
Leitão (Coronel, Comandante da PM/PA)	Amigo da Chiquita ¹⁷
Leona (Leandro)	Revelação do Youtube
Nelson Borges	Visagista do Ano

QUADRO DE PREMIADOS
DE 2011
33ª edição
“Além do arco-íris – um show contra a homofobia”

Premiados	Prêmios
Marinor Brito (senadora)	Rainha do Círio
Jean Wyllys (deputado federal)	Veado de Ouro
Fafá de Belém (cantora)	Walter Bandeira
Bernardino Santos (colunista)	Mauro Faustino
Edmilson Rodrigues (deputado estadual) Helder Barbalho (prefeito de Ananindeua)	Amigos da Chiquita
Duda Lacerda (ONG COR)	Cidadania LGBT
Heloísa Freitas (Alessa)	Orgulho LGBT

¹² Criado para homenagear a/o destaque artístico e/ou personalidade pública da capital paraense.

¹³ Criado para homenagear a mulher lésbica com maior destaque no ano.

¹⁴ Criado para homenagear o homem gay com maior destaque no ano.

¹⁵ Criado para homenagear a personalidade paraense de maior destaque.

¹⁶ Criado para homenagear o comunicador de maior destaque.

¹⁷ Criado para homenagear o poder público, personalidade, artistas, etc. que se destaca no apoio da Festa da Chiquita.



Foto 4: Lourdes Furtado Barreto, Jean Wyllys e Marinor Brito.
Fonte: Blog da Marinor Brito; acesso em 15 OUT 2012.



Foto 5: Marinor Brito discursando ao receber o prêmio.
Fonte: Blog da Marinor Brito; acesso em 15 OUT 2012.

Estes quadros demonstram a variedade de personagens

agraciados com a premiação. E mostra como a Festa pensa esta, fazendo uma divisão quase que milimétrica dos premiados com tal distinção. Não deixa claro o processo de disputa que envolve, nos bastidores, a luta por prestígio da comunidade LGBT.

Com estas primeiras inflexões, percebe-se o intenso campo de disputa que é a Festa da Chiquita, com suas alianças refletidas nas escolhas dos agraciados na premiação, mas, sobretudo, no papel carismático que envolve a figura do cantor Elói Iglesias, que consegue aglutinar durante este momento de “festa dentro da festa” atores sociais tão díspares (Costa 2006). No entanto, há que se refletir sobre as tensões que permeiam estas relações de reciprocidade.

Nos momentos de premiação que ocorreram em 2011 foram agraciados com dois dos prêmios máximos, dois políticos, do PSOL: a senadora, à época, Marinor Brito, e o deputado federal, Jean Wyllys. E não à toa quem entregou os prêmios foi a presidenta do Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (GEMPAC), Lourdes Barreto; confirmando assim uma proposta de estabelecer pactos e alianças com personagens importantes da cena política, militante, acadêmica e social em nível regional e nacional.

Encerramento...

Atualmente, a Festa continua sendo um centro de convergência de sujeitos dissidentes na cidade de Belém, embora o perfil de participantes tenha mudado, como já ouvi diversas vezes. Alguns participantes, principalmente os que apreciaram os primeiros momentos ou a conheceram nos finais dos anos 1980 ou início de 1990, dizem que não estão mais na Festa porque o público mudou. Então, antes o que era lugar de encontro e sociabilidade LGBT acabou se tornando um espaço de convergência de vários sujeitos da cidade, nem sempre interessados nas agendas políticas da militância LGBT, que se mantêm ativa na organização da Chiquita. Isto é, o que antes era um espaço de segurança agora é um espaço de violência – mas porque não também um espaço de visibilidade tanto para os LGBT quanto para os ditos “agentes da violência”, muitas vezes

meninos negros, pobres e de periferia; há que se problematizar essa pertença e a exclusividade da Festa.

As *performances* são o grande atrativo da Festa da Chiquita. Não só as realizadas pelas *drag-queens*, mas pelo público que, embalado ao som das “músicas de boate”, se queda em jogos performáticos rivalizando com as prerrogativas heteronormativas. Não que a Festa não seja um lugar de conformação, mas posso pensar que a partir das fissuras e das brechas há um poder nestas performances, um poder derivado da própria agência dos sujeitos.

Além disso, há espaços para jogos políticos, negociações e contingências que permitem a ampliação dos *campos* e das *redes*. A manutenção dos laços políticos com o ativismo político, por exemplo, é sempre considerado, seja esse ativismo o LGBT ou não. No ano de 2013, o estreitamento de laços com o coletivo “Casa Fora do Eixo” foi perceptível, pois eles criaram a identidade visual que marcava os 35 anos da Chiquita. Isso, considerando a aproximação com ONG de ativismo em HIV/AIDS e ONG e grupos LGBT, seja ou de da capital ou interior do Estado. Há também espaços para estreitamento de relações com outros movimentos sociais, como o Movimento Negro, de Mulheres, Feminista, as Associações Afro-religiosas e demais entidades que atuam na área dos direitos humanos. Estado e Igreja sempre são considerados nestas relações, pois não é incomum um prefeito, vereador, deputado, senador, secretário, comandante ou quaisquer instituições política ou de segurança levar para casa um dos prêmios dados aos “Amigos da Chiquita”, ou seja, não necessariamente aquele que milita ou é ativista do movimento, mas que tem ações direcionadas ao segmento, como a garantia do policiamento durante a Festa, por exemplo.

Uma gama de premiações ajuda a fortalecer e estender os *campos* e as *redes* tecidas pela Festa da Chiquita. O supracitado “Amigos da Chiquita” é direcionado aquela instituição ou representante desta que dá apoio ou algum suporte para que a Festa ocorra, como o prêmio conferido ao comandante dos Bombeiros do Pará no ano de 2010. O prêmio “Rainha do Círio” é concedido a uma artista ou celebridade que tenha se pronunciado publicamente a favor dos direitos ainda não assegurados dos LGBT ou que tenha se manifestado a favor da continuação da Festa. A premiação “Botina de Ouro” é direcionada às lésbicas que prestaram serviços à comunidade LGBT, ou que seja ativista, ou

personalidade no mundo LGBT. O maior prêmio, o primeiro criado e de maior destaque é o “Veado de Ouro”, que nasce junto com a Festa e que marca simbolicamente o fim da Chiquita e o começo da organização da mesma para o próximo ano. Ele é dado à “bicha” em destaque na sociedade belemense ou brasileira, tendo já o recebido figuras importantes no cenário nacional, em torno dos direitos LGBT, como o deputado federal Jean Wyllys; assim como, o antigo prefeito de Belém e atual deputado federal Edmilson Rodrigues.

Referências

ALVES, Isidoro. 1980. O Carnaval Devoto – um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes.

AMARAL, Rita. 1998. *Festa à Brasileira: significado do festejar, no país que “não é sério”*. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social, USP.

BARNES, John A. 1987. “Redes sociais e processo político”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global. pp. 159-193.

BOURDIEU, Pierre. 1989. “A gênese dos conceitos de *habitus* e campo”. In: _____. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Russel.

_____. 1990. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense.

_____. 2004. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Editora da UNESP.

_____. 2009. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes.

BRASIL, Priscilla. 2006. *As Filhas da Chiquita*. Documentário, 52 min., cor, Brasil.

CAETANO VELOSO. 1989. A filha de Chiquita Bacana. In: _____. *Muitos Carnavais*. Polygram/Philips. LP 1977]. 1 CD. Remasterizado em digital.

CONRADO, Mônica. 2010. “*É o amor se fazendo em carne*” – *Políticas, direitos, violência e homossexualidade: Pesquisa na 33ª Festa da Chiquita em Belém do Pará*. NosMulheres/UFGA. (mimeo.)

COSTA, Antônio Maurício. 2009. *Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará*. Belém: EDUEPA.

_____. 2006. “A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará”. In: *Revista Campos*, 7(2): 83-100.

COSTA, Francisco de Assis e outros. s/d. *O Círio de Nazaré: economia e fé*. Relatório Final. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA e Instituto de Economia/UFRJ. Belém. (mimeo.)

FACCHINI, Regina. 2003. "Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico". In: *Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas*, Campinas, UNICAMP/IFCH/AEL, v. 10, n. 18/19: 79-123.

_____. 2005. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro. Garamond.

GEERTZ, Clifford. 2008. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

LIMA, Maria Dorotéa de. 2005. "Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém/PA". In: MOREIRA, Eliane e outros (org.). *Anais do Seminário Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual: proteção do conhecimento e das impressões culturais tradicionais*. Belém: CESUPA/MPEG. pp. 55-69.

MAGNANI, José Guilherme. 1998. *Festa no Pedço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo. Hucitec/UNESP.

_____. 2002. "De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49: 11-29.

_____. 2008. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lilian de Lucca (org.). *Na metrópole*. São Paulo: EDUSP. pp. 12-53.

MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. 2000. "Belém – Histórico do Círio de Nazaré". In: AZEVEDO, Josimar (org.). *Círios de Nazaré*. Belém: Instituto de Pastoral Regional, pp. 38-48.

MEDRADO, Benedito. 2010. *Performatividades de gênero, violência e sexualidade em movimentações político-culturais: a produção de sujeitos e estéticas políticas em Belém e Recife*. Projeto de Pesquisa aprovado no Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA nº 020/2010 –Seleção pública de propostas para pesquisas em temas de Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos. Brasília, CNPq. (mimeo)

PANTOJA, Vanda. 2006. *Negócios Sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré*. Belém: Dissertação de Mestrado Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, UFPA.

PEIRANO, Mariza. 1992. "A favor da etnografia". In: *Série Antropologia*, Brasília, 130: 1-21.

POLLAK, Michael. 1986. "A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?" In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (org.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense. pp. 54-76.

RIBEIRO, Milton. 2012a. *Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA*. Belém: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, UFPA.

_____. 2012b. "A filha da Chiquita Bacana: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará". In: *Anais Eletrônicos do 36º Encontro Anual da ANPOCS*, Águas de Lindóia, São Paulo. Disponível em <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8229&Itemid=76>. Acesso em 11 JAN 2013.

_____. 2011a. *A filha da Chiquita Banaca: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará*. Belém: Projeto de Tese apresentado para seleção do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFPA.

_____. 2011b. "No sábado à noite é só deixar a santa passar: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará". In: *Anais Eletrônicos do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Salvador, Bahia. Disponível em <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308345555_ARQUIVO_Trabalhocompleto_XICONLAB.pdf>. Acesso em 26 SET 2011.

RODRIGUES, Carmem Izabel. 2008a. "À beira do Rio Guamá... um bairro em movimento". In: BELTRÃO, Jane Felipe; VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano (org). *Conheça Belém, Co-memore o Pará*. Belém. EDUFPA, pp. 93-107.

_____. 2008b. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém. Editora do NAEA.

SILVA, Vagner Gonçalves da. 2006. *O Antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: EDUSP.

SIMMEL, Georg. 2006. *Questões Fundamentais de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. 2009. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

SOUZA, Izabela Jatene de. 1997. *"Tribos Urbanas" em Belém: drag queens – rainhas ou dragões?* Belém: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFPA.

VELHO, Gilberto. 1995. "Estilo de vida urbano e modernidade". In: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16: 227-234.

_____. 2003. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. 2008. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

VELHO, Gilberto e MACHADO, Luiz Antônio. 1977. "Organização social do meio urbano". In: *Anuário Antropológico/76*: 71-82.